



A Relação dos Adultos/idosos de Zonas Rurais Pantaneiras da Região Mato-Grossense com as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação¹

Isadora Aguiar VELOSO²

Benedito Dielcio MOREIRA³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

O presente trabalho aborda a relação dos adultos/idosos dos municípios de Barão de Melgaço, Nossa Senhora do Livramento e Santo Antônio do Leverger, com as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC). As regiões mato-grossenses escolhidas integram o projeto da Universidade Federal de Mato Grosso “Comunicação e Cultura Científica”. Para realizar a pesquisa, baseada em uma abordagem qualitativa, foram entrevistados doze moradores, com mais de 25 anos, de cinco comunidades diferentes. O objetivo é compreender o processo de inserção das NTIC no cotidiano desses adultos/idosos, e sua relação com a tecnologia. Os resultados indicam desconhecimento destes artefatos tecnológicos de informação e comunicação ou relutância em sua utilização.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação, adultos/idosos, tecnologia, Mato Grosso.

INTRODUÇÃO

A relação dos adultos/idosos de zonas rurais pantaneiras da região mato-grossense com as novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC) enquanto ecossistemas comunicativos, bem como a contribuição dos jovens da mesma região na intermediação e apresentação desses componentes que constituem o momento atual, é o tema a ser desenvolvido neste trabalho.

Ao longo dos últimos 50 anos a população brasileira aumentou significavelmente. Em Mato Grosso, o número total da população equivale a 3.035.122 habitantes. Desses, 55,29% têm 25 anos ou mais⁴. São considerados idosos⁵ 240.416 indivíduos, o equivalente a aproximadamente 8% da população do Estado.

Com esse crescimento a população adulta/idosa passou a ser objeto de estudo de muitas instituições. O desafio de relacionar o “novo” e o “velho”, o menos experiente e

¹ Trabalho apresentado no IJ 05 – Rádio, TV e Internet do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Graduada no Curso de Comunicação Social, habilitação em de Jornalismo da UFMT, email: isadoraveloso@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da UFMT, email: dielcio@hotmail.com

⁴ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) considera adulto pessoas de 25 a 59 anos.

⁵ Para o Estatuto do Idoso, estabelecido em outubro de 2003, sancionado pelo Presidente da República, são considerados idosos aqueles que têm 60 anos ou mais.



o experiente tornou-se intrigante para vários pesquisadores, que acreditam ser essencial a qualidade de vida dessa faixa etária.

As tecnologias da informação e da comunicação (TIC) apresentam-se como um dos aspectos interessantes a serem pesquisados quando se pensa nos adultos/idosos e sua interação com elas. Recursos como TV a cabo, telefone celular, computador, internet, redes sociais, fotografias e televisão em 3D, dentre outros, parecem ser realidades muito distantes das vividas por eles.

Imaginamos que os adultos/idosos de zonas rurais não estão totalmente inseridos no mundo das novas tecnologias como os moradores de centros urbanos, pois o modo de vida no campo não depende necessariamente das TIC. Na zona rural os moradores convivem com menos poluição, pessoas e distâncias, e esses fatores proporcionam outro modo de vida. Sendo assim, como os adultos/idosos, sujeitos da nossa pesquisa, lidam com as tecnologias que chegam ao seu entorno na região em que vivem?

Para responder a essas perguntas o trabalho foi desenvolvido tomando como base a abordagem qualitativa. Os municípios visitados foram Barão de Melgaço, Nossa Senhora do Livramento e Santo Antônio do Leverger, todos situados em Mato Grosso. O método de investigação utilizado colaborou para compreensão dos mundos dos entrevistados e suas relações com os jovens e as novas tecnologias. Os nomes utilizados não são verdadeiros, são pseudônimos, para proteger a privacidade dos respondentes.

Para ter acesso aos adultos/idosos das zonas rurais pantaneiras mato-grossenses, acompanhamos o projeto *Comunicação e Cultura Científica - Tocando o Futuro: uma experiência audiovisual*, do Grupo de Pesquisa NECOIJ (Núcleo de Estudos da Comunicação, Infância e Juventude), do qual fazemos parte, o que torna viável o estudo. Este é desenvolvido por do curso de Comunicação Social, da Universidade Federal de Mato Grosso. Os públicos são jovens estudantes do Ensino Básico, com idade entre 14 e 18 anos, moradores de zonas rurais dos três municípios acima mencionados, todos eles pertencentes à região de influência do Pantanal Mato-Grossense.

A sociedade e a mídia

A tecnologia trouxe mudanças culturais, sociais e econômicas no mundo inteiro. Essa revolução tecnológica não se resume em trazer para a sociedade uma quantidade enorme de máquinas, facilitadoras de serviços, mas, sim, nas consequências da inserção



desses novos aparatos. A comunicação é uma área muito afetada por essa nova era, na qual temos informações sendo divulgadas 24 horas por dia, sete dias por semana, de todos os lados do país e do mundo. Não há mais barreiras, nos perdemos no tempo e espaço e percebemos as coisas de uma forma completamente diferente. Sendo assim, a

(...) comunicação deixa de ser meramente instrumental para espessar-se, condensar-se e converter-se em estrutural: a tecnologia remete, hoje, não a alguns aparelhos, mas, sim, a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escritas. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 54)

Com esse emaranhado de informações e acontecimentos ao redor do ser humano, ele pode se ver perdido e impotente. Esse sentimento existe tanto nos personagens dessa revolução, os que têm acesso às novas tecnologias, quanto nos excluídos. Esse processo pode ser percebido em adultos/idosos. Ao terem contato com estas novas tecnologias, tanto da informação, quanto de comunicação, este público se perde no processo de interação que estas máquinas propiciam. O não entendimento do poder dos objetos técnicos, sua manipulação e seu conteúdo, causa um estranhamento. Como ressalta Martín-Barbero, é nesse momento que,

nossas sociedades são, ao mesmo tempo, “sociedades do desconhecimento”, isto é, do não reconhecimento da pluralidade de saberes e concorrências culturais que, sendo compartilhadas pelas maiorias populares ou as minorias indígenas ou regionais, não estão sendo incorporadas/integradas como tais nem aos mapas da sociedade nem sequer aos de seus sistemas educativos. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 55).

É preciso questionar a teoria desenvolvimentista que a presença das tecnologias sugere. Ao mesmo tempo que seu uso permite conexão mundial, seu alcance pode estar extremamente restringido: parte da sociedade brasileira não consegue ter acesso aos avanços tecnológicos verificados no país, sejam eles comunicacionais e até mesmo educativos. Por conta disso, desconhecem direitos elementares e não tem suas histórias compartilhadas com o mundo.

As NTIC e suas Implicações

O mundo agora vive conectado. Os recursos utilizados para essa conexão estão espalhados por todos os lugares e ambientes. Dos mais simples, como rádio, televisão, telefones fixos e computadores de mesa, aos mais avançados, celulares, notebooks e tablets. As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) avançam em um tempo e em espaços próprios, sendo os proprietários da sua própria evolução. Ao



estudar as NTIC precisamos percebê-las além dos artefatos, ferramentas e aparatos técnicos, visualizá-las como objetos incorporados ao cotidiano da sociedade, com implicações políticas, culturais e sociais.

As tecnologias de informação e comunicação podem ser definidas como a junção de técnicas, métodos e equipamentos para processar e divulgar informações. Estas tecnologias dinamizaram o processo da comunicação, tornando seu conteúdo, que pode assumir a forma de texto, imagem ou vídeo, menos palpável e mais virtual, por meio da transmissão em redes.

As NTIC são o resultado dos avanços na indústria eletrônica ocorridos a partir de meados dos anos 60/70 (TARGINO, 1995). A falta de preparo e a rapidez alcançada pela revolução tecnológica implicaram em profundas alterações nos hábitos, comportamentos, atitudes e em outras atividades do cotidiano.

Outra implicação das NTIC é a transformação do significado de conhecimento, agora estruturado em um processo contínuo e de múltiplas plataformas. Por exemplo, não é apenas o professor o detentor das informações, elas estão espalhadas virtualmente e podem ser adquiridas por quem tiver interesse, num fluxo inesgotável de construção de novos conhecimentos.

A inserção das NTIC não foi um processo fácil. Inicialmente os objetos foram negados pela sociedade, como já havia acontecido com formas anteriores de comunicação. Hoje, é possível observar as pessoas envolvidas em um processo de encantamento, ao constatarem a multiplicidade de recursos oferecidos pelas tecnologias. Os responsáveis por essas ferramentas estudam o nosso comportamento e adaptam-se às nossas necessidades, tudo isso com o objetivo de aproximação, para que haja um reconhecimento e afinidade com o produto. Quando acreditamos ter limitado o seu uso, ela se reinventa. O celular, por exemplo, quando lançado tinha as funções de ligar e mandar mensagem, hoje é possível acessar a internet, pagar contas, ler notícias e livros, arquivar documentos, tirar fotos, dentre milhares de funções. Henry Jenkins (2006), em seu livro “Cultura da Convergência”, aponta que é

(...) contra a ideia de que a convergência deve ser compreendida principalmente como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos. Em vez disso, a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos (JENKINS, 2006, p. 27-28).



O que acontece é que ao reelaborar um projeto já utilizado, não nos cansamos, “há um novo re-encantamento pelas tecnologias porque participamos de uma interação muito mais intensa entre o real e o virtual” (MORAN, 1995, p. 2). É possível estar em um local, comunicando-se por meio do computador, por exemplo, com pessoas em diversos lugares do mundo. Ao caracterizar como virtual, esse mundo não deixa de ser real, pois ele tem essa denominação pelo fato de não ser presencial.

O poder de adequação das NTIC é outra forma de nos convencer a estarmos sempre usufruindo dos serviços. Quanto mais portátil é o meio, por exemplo, o celular, que não necessita de cabos ou objetos físicos, mais presente ele estará em nosso cotidiano e maior a probabilidade de adquirimos o hábito de sempre o carregarmos.

A era em que estamos vivendo, também denominada de era digital, caracteriza os seus habitantes como a sociedade da informação. Os responsáveis por essas mudanças, os disseminadores das informações são conhecidos como mídias. O impresso, o rádio, a televisão, o cinema, a Internet são todos exemplos de mídias, inseridas nas NTIC, e dispositivos responsáveis por diferentes formas de comunicação entre as pessoas. Segundo Pierre Levy (1999 apud NETO, 2007) a mediação caracteriza-se em três categorias,

um-todos, um-um e todos-todos. A imprensa, o rádio e a televisão são estruturados de acordo com o princípio um-todos: um centro emissor envia suas mensagens a um grande número de receptores passivos e dispersos. O correio ou telefone organizam relações recíprocas entre interlocutores, mas apenas para contato indivíduo a indivíduo ou ponto a ponto. (LEVY 1999 apud NETO, 2007).

De todas as mídias, que compõe as NTIC, a internet é a que abriga maior potencial transformador por suas multiplataformas. Seu sucesso deve-se ao advento da interação, viabilizando a conexão entre pessoas de forma veloz, independente de distância ou espaço. Somados a isso, a apropriação de escrita, imagem e som em um só dispositivo completam sua atratividade.

A internet é o primeiro meio a permitir o contato de todos para todos, como foi estabelecido por Levy (apud NETO, 2007) em sua terceira categoria, e essa interação humana multiplicada que efetivamente revoluciona as formas de comunicação. São várias pessoas propagando informações, enquanto outras têm acesso. Os conteúdos são os mais diversificados e o alcance é universal. Nem a TV, muito menos o rádio, conseguiu alcançar tamanha dimensão.



Os recursos usados fazem com que as NTIC explorem o sensorial e a multidimensionalidade, pois a propagação linear tornou-se ultrapassada e menos desejada pelos usuários. E isso é o que temos até o século 21. Se as técnicas são reinventadas a cada segundo, o aperfeiçoamento da realidade virtual nunca se estabilizará.

Os aparatos tecnológicos sozinhos nada seriam além de objetos e máquinas. Sua utilização torna-se a cada dia mais necessária e facilitadora, mas isso não faz com que tenham a liberdade de ditar regras próprias. Por isso, precisamos construir processos de expansão do conhecimento das NTIC. Só assim, pobres e ricos, negros e brancos, zona rural e zona urbana terão direito ao mesmo contato e à opção de adquirir ou não o produto. Esse não pode ser caracterizado como mais um processo de exclusão no qual quem não se insere acaba banalizado e esquecido pela sociedade. Todos merecem e devem ser usufruir das ferramentas digitais. A multiplataforma e a multidirecionalidade visam todo tipo de público, e isso precisa acontecer.

Conflito Geracional

A nossa vida é marcada pela vivência em grupos. Somos educados para nos relacionar e viver em comunidade, e esse processo acontece inicialmente ao sermos apresentados aos nossos familiares. Esse convívio com o outro é intensificado quando crescemos e estabelecemos contato com um número maior de pessoas e gerações. Ao final, estaremos fazendo parte de uma sociedade composta por aqueles que consideramos o futuro da nação, os jovens, e pelos mais velhos, caracterizados por sua experiência e conhecimento adquirido.

Ao falar da relação entre as gerações nos deparamos com um conflito,

(...) historicamente a sociedade, a par de ter-se desenvolvido tendo a idade – e o sexo/gênero – como critérios fundamentais de organização e integração social, principalmente de participação na divisão do trabalho, foi construindo, ao mesmo tempo, formas organizativas outras que redundaram em discriminação, marginalização ou exclusão igualmente baseadas na idade – assim como em critérios relativos ao gênero. (MOTTA, 2010, p. 226).

Dessa forma, adultos e idosos são descartados enquanto os jovens passam a assumir o papel de detentores dos poderes de decisão. Antes, porém, de entrarmos na questão do conflito geracional é preciso definir o conceito de gerações, amplamente discutido por pesquisadores pela dificuldade em classificar algo fundamentado na transitoriedade da idade e no tempo.



Na perspectiva de Karl Mannheim, são cinco os tópicos que caracterizam uma geração (apud WELLER, 2010): 1. A constante inserção de novos portadores de cultura, pois “toda geração é seguida por outra” (MENDES, 2011, p.6); 2. O ininterrupto desaparecimento dos antigos portadores de cultura, provocando o esquecimento daquilo que não é mais útil, mas transmitindo constantemente a herança cultural, estabelecendo uma interação durável; 3. O tempo limitado da participação dos membros de uma geração no processo histórico; 4. A incessante transmissão dos bens culturais adquiridos; e 5. O caráter contínuo das mudanças geracionais, resultado da execução de todos os outros tópicos.

Ao lidar com o tempo deparamo-nos com as mudanças que o acompanham. É por isso que cada geração esbarra com uma realidade, pois “os membros de qualquer uma das gerações apenas podem participar de uma seção temporalmente limitada (...)” (MANNHEIM, 1982 apud SOUSA, 2006, p. 12). E nem sempre a situação em que se encontram é compreendida, e pessoas com experiências específicas e autoadquiridas tendem a ter mais dificuldade de entender algo inovador, comparados aos que estão se constituindo, onde novas situações ainda serão processadas.

Na zona rural, diferente da zona urbana, há uma presença notável da dialética entre as gerações e de como esse processo é respeitado pelas crianças. Por viverem mais isolados e longe do alcance de tantas tecnologias, como acontece nas cidades, as fontes de conhecimento e informações seguras ainda são aqueles que carregam toda herança cultural da família. A velhice é marcada pela experiência e conservadorismo e o novo precisa dessa referência para seguir adiante.

A necessidade da transmissão contínua dos bens culturais acumulados torna-se um desafio das gerações mais velhas em relação às mais novas. Essa dificuldade de entendimento e percepção ocorre devido às visões de mundo distintas adquiridas por geração. E essa relação fica mais árdua quando existe uma tentativa contrária de ensino: de jovens para adultos/idosos.

As dificuldades para compreender um mundo que não conheceram, no qual tudo é novidade pode ser penoso,

(...) as crianças e os jovens, em comparação com os adultos, são sempre mais receptivos a novas influências, assimilação de novos hábitos e atitudes, muitas vezes fazendo-o de maneira radical e completa, porque a sua orientação primária, ou seja, seu contato original com a cultura é inteiramente diferente das gerações mais velhas. (MANNHEIM, 1982 apud SOUSA, 2006, p. 14).



A rapidez com que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) inovaram e conquistaram espaço tornou possível a convivência e interação com gerações que não tiveram a oportunidade de vivenciar esse fenômeno e nem sabem se terão contato. Portanto, só com o diálogo é possível conhecer melhor os que os cercam.

O curioso de toda essa transitoriedade é a mudança constante das gerações, permitindo que os mais velhos se tornem mais receptivos às influências dos mais novos, resultado do diálogo entre eles, a partir da dinamicidade e mutabilidade da própria sociedade (MANNHEIM, 1982 apud SOUSA, 2006). Antes os conhecimentos eram transmitidos pelos mais velhos por meio da cultura oral; eles eram a fonte de ensinamentos e informações. Hoje o processo foi invertido e a juventude está ensinando os mais velhos, pois eles têm acesso a uma ferramenta/informação que os idosos não têm.

Os moradores de zonas rurais que visitamos ainda não esbarram com frequência nas novas tecnologias e pouco sabem sobre as TIC. Por motivos variados, sendo eles a falta de estrutura, o nível de escolaridade, a falta de conhecimento sobre a serventia dos objetos e até por temerem uma ruptura dos padrões de sua cultura, os idosos são excluídos do processo de evolução no qual a sociedade se encontra. Nem mesmo os jovens, “o segmento etário privilegiadamente estimulado ao novo e à mudança e, portanto, com o potencial maior de expressar-se enquanto geração social” (MOTTA, 2010, p. 231), têm, em algumas regiões, o contato necessário para compartilhar seus conhecimentos com seus familiares e amigos. Mesmo diante dos obstáculos, o rádio e a televisão foram os instrumentos que romperam as barreiras e alcançam a maioria das casas dos residentes no campo.

A interação adultos/idosos e as NTIC

Políticas públicas e ações que melhorem cada vez mais a qualidade de vida de adultos/idosos são válidas, a partir do momento que os valorizam enquanto cidadãos e satisfazem uma parcela significativa que demanda atenção. Para evitar uma marginalização e esquecimento desse contingente de pessoas, deve ocorrer uma junção de tecnologia e educação (SILVEIRA et. al, 2010).

Para a interação novas tecnologias e adultos/idosos representar uma forma de inserção deles na contemporaneidade, é preciso a quebra do imaginário de que aparatos tecnológicos estão associados à juventude, pois essa afirmação torna apenas os jovens



aptos a manusear os instrumentos, desqualificando as pessoas com idades avançadas. Essa facilidade qualifica essa geração atual como diferente das anteriores, por possuir características próprias da contemporaneidade. A juventude, ao nascer nessa nova era, desenvolveu adaptação à tecnologia. Com isso, há uma noção diferente de tempo pelos jovens, comparados aos adultos/idosos. O novo modelo social de comportamento exige o saber mexer, por exemplo, em celulares, computadores e máquinas digitais.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) visam o maior alcance de espaço e de pessoas, portanto não se explica a exclusão de qualquer tipo de ser humano do seu processo comunicacional. Talvez o estranhamento adultos/idosos e tecnologias deva-se ao primeiro contato com o objeto ou pela má impressão passada por outros usuários, mas isso não os inabilita a manusear tecnologias.

O processo relacional pode ser dificultado também pela quantidade em que é ofertado e pelas condições propostas (PEIXOTO; CLAVAIROLLE, 2005), pois nem todas as famílias brasileiras e o conjunto de pessoas têm condições de acesso às NTIC.

Se para os jovens nascidos nessa era digital surgem dificuldades frequentes de manuseio e entendimento das tecnologias, é preciso analisar o caso das gerações que já estão inseridas em outro contexto e com concepções formadas. Os adultos/idosos nasceram em uma época em que a tecnologia começava a conquistar espaço, os trabalhos ainda eram muito manuais e dependiam de mão de obra humana. Os produtos eram fabricados mais lentamente e as informações para serem propagadas dependiam do boca a boca. Portanto, a vida seguia outra velocidade. Ao visualizar tal aspecto fica difícil para essas gerações acompanhar as modificações sociais e tecnológicas. “Para a maioria dos idosos, o uso do computador estaria totalmente fora do seu alcance, não envolvendo apenas motivos financeiros, mas emocionais” (SILVEIRA et. al, 2010, p. 5). O desconhecimento de tudo, as debilidades da idade e as dificuldades de manuseio muitas vezes o fazem repudiar certas tecnologias. “O avanço da tecnologia, somado às dificuldades de acesso às novas técnicas e teorizações, causa impacto em todas as gerações e, em especial, na velhice” (SILVEIRA et. al, 2010, p. 5). Porém a mudança do perfil do adulto/idoso do século 21, explica o porquê do aumento da procura das NTIC por esse público.

(...) deixou de ser uma pessoa que vive de lembranças do passado, recolhido em seu aposento, para uma pessoa ativa, capaz de produzir, participante do consumo, que intervém nas mudanças sociais e políticas (KACHAR, 2001 apud SILVEIRA et. al, 2010, p. 5).



O afastamento do adulto/idoso das NTIC é realizado tanto pelas gerações mais novas que não conseguem conceber a ideia de que pessoas mais velhas possuam conhecimento e habilidade para utilizar a tecnologia, ou até mesmo pelos

efeitos físicos do envelhecimento e (...) os diferentes contextos de socialização das gerações, partimos da ideia de que as pessoas envelhecidas podem ter suas razões para adquirir/utilizar (ou não) tal tecnologia recente. (PEIXOTO; CLAVAIROLLE, 2005, p. 17).

Peixoto e Clavairolle (2005) dividem em duas as condições de acesso às tecnologias. A primeira delas por pressão social, forçada pelo desenvolvimento tecnológico que os cerca e impõe sua utilização para continuar sendo parte da sociedade, pois “a inclusão digital é vista como uma forma de inclusão social” (SILVEIRA et. al, 2010, p. 7); e a segunda por acesso voluntário, pois o dispositivo tecnológico mostra atender as demandas para os adultos/idosos, ou por curiosidade de conhecer as tecnologias recentes.

Os objetos tecnológicos que são disponíveis para toda a sociedade, como é o caso do rádio e da televisão, acabam por se tornar imprescindíveis. A falta desses objetos tecnológicos resulta em um processo de exclusão. Por serem tão comuns e presentes, tornam-se ditadores de conversas, hábitos e valores, e passam a fazer parte da cultura do grupo. Nesse caso, não foi uma questão de necessidade natural, e sim de uma exigência social (PEIXOTO; CLAVAIROLLE, 2005).

O uso das NTIC é facilitado quando o adulto/idoso constitui uma família na qual convive com outras gerações. Para Bez (et. al. 2006, p.62) o impacto das tecnologias é, também, diferente para cada um dos seus membros (pai, filho, avôs, netos, etc), mas a presença da juventude é um enorme auxiliador.

Do mesmo modo em que existem adultos/idosos em busca da interação com as NTIC, para outros esse processo é algo improvável. Em nosso estudo alguns entrevistados se utilizaram do discurso de *estarem velhos e cansados para aprender algo que a cabeça não acompanha*. Esses falas mostram que nem todas as pessoas mais velhas têm a vontade e o mesmo comportamento sobre o que é novo, provando o quanto seria errôneo uma generalização do processo de interação. Aqueles que nem contato ainda tiveram, o pouco que já escutaram sobre os objetos os encanta, pela qualidade de vida que podem oferecer, e os assusta, por nunca imaginarem na sua época poder presenciar tanta evolução.



A atitude das populações rurais que “recusavam” adotar uma inovação técnica poderia ser designada em termos de “resistência passiva que se obstina às práticas tradicionais”. “Tradição”, “resistência”, “rotina” aparecem assim como o reverso de racionalidade. (PEIXOTO; CLAVAIROLLE, 2005, 93).

Para a população rural que tem contato com as NTIC, o emprego desses aparatos em seu cotidiano seria facilitado se fossem incorporados aos hábitos, integrando-se aos gestos e rotinas.

Os Adultos/idosos de Barão de Melgaço, Nossa Senhora do Livramento e Santo Antônio do Leverger

Por mais amplo e acessível que seja o acesso à internet na zona urbana e se torne incompreensível para quem a utiliza diariamente a vida sem ela, na zona rural esse processo é dificultado. Nas três regiões pesquisadas a televisão e o rádio são tecnologias que já foram incorporadas ao cotidiano dos moradores, mas a internet está presente há no máximo três anos, segundo relato dos entrevistados, com o sinal restrito a algumas áreas.

Muitos dos adultos/idosos que vivem nos municípios pesquisados não tiveram contato com as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC). Já para os jovens, estas não são mais novas tecnologias. A televisão, o rádio e a internet são fenômenos consideravelmente inovadores para os adultos/idosos, se comparados aos jovens que já iniciam a vida imersos no mundo digital, especialmente por meio das tecnologias móveis.

Os adultos/idosos entrevistados para este trabalho possuem apenas o ensino fundamental incompleto, sendo exceção os que terminaram o ensino médio. Com uma infância marcada por pais pescadores e trabalhadores na roça, e mães dona de casa, os entrevistados relatam uma história de sacrifício e trabalho árduo, mas caracterizada como “uma vida difícil, mas boa”, frisa a senhora Marta, da comunidade rural de Santo Antônio.

A concepção de televisão é entendida nos municípios de formas diferentes. Enquanto para os moradores de Barão de Melgaço ela funciona como uma forma de entretenimento, para os entrevistados de Santo Antônio a TV é vista como uma fonte de informação. Os únicos que equilibram as duas funções, a utilizando tanto para adquirir conhecimento quanto para diversão, são os adultos/idosos de Nossa Senhora do Livramento.



Para a maioria dos entrevistados, o poder influenciador da TV sobre as crianças/jovens são um fator preocupante, e o modo como ditam comportamentos e incitam a violência são citados pelos pais/avós. Quanto ao rádio, divergindo dos entrevistados de Barão de Melgaço, que ainda mantém a cultura de utilização, em Santo Antônio e Livramento a TV substituiu esse aparelho tornando seu uso cada vez menos frequente. Entre os jovens, esse fenômeno pode ser notado mais claramente pelo uso excessivo que fazem da TV, e o contato esporádico que tem com o rádio.

A internet é a NTIC menos utilizada nos três municípios. Tanto em Barão de Melgaço como em Livramento, nenhum dos entrevistados teve acesso e, entre eles, alguns nem sabem o seu significado. Livramento foi o único município em que todos adultos/idosos indagados sobre a internet declaram já terem ouvido falar, e Santo Antônio foi a única região em que os entrevistados tiveram contato com a internet.

A não procura dos adultos/idosos pela internet pode ser justificada, como nos aponta Peixoto e Clavairolle (2005), pela falta de conhecimento do que o produto pode oferecer. As pessoas não têm demanda por algo desconhecido e, dessa forma, a interação não acontece. Já para Michele Silveira (et. al. 2010), em sua discussão sobre a Inclusão digital para idosos, expõe que o desconhecimento das tecnologias, somada as debilidades da idade, as dificuldades de manuseio e a baixa escolaridade, muitas vezes resultam num repúdio a certos aparatos.

Contrariando aos pais e avós, os filhos e netos dos entrevistados em sua totalidade possuem celular com internet e a utilizam. O fato de os jovens terem contato, nesse estudo, não significa um compartilhamento do conhecimento adquirido com os adultos/idosos. A experiência do contato e a informação advinda dos meios não são compartilhadas com os familiares. Segundo Bez (et. al. 2006), esse processo deveria ser diferente, pois a presença da juventude é um enorme auxiliador no uso das NTIC pelas gerações mais velhas.

Karl Mannheim (1982 apud SOUSA, 2006) ao discutir a relação entre as gerações como ponto fundamental na transmissão da herança cultural, reconhece a dificuldade encontrada pelas gerações mais antigas em compreender o conhecimento passado pelos jovens. Para os nossos entrevistados, conceber um mundo que não conheceram e assimilar novos hábitos é um processo árduo e pelo qual muitos não estão dispostos. Os jovens, em comparação com os adultos/idosos, são mais receptivos a novas influências e assimilação de novas atitudes, sendo notável a facilidade em lidar com as NTIC. O ideal nesse momento seria uma troca no papel das gerações, nas quais



os mais novos, que veem nos idosos a fonte de conhecimento, assumiriam esse posto e auxiliariam na inserção das NTIC na vida dos seus pais/avós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender o processo de inserção das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) no cotidiano dos adultos/idosos das regiões de Barão de Melgaço, Nossa Senhora do Livramento e Santo Antônio do Leverger, como também a relação desses sujeitos com a tecnologia. Os municípios percorridos integram o projeto da Universidade Federal de Mato Grosso “Comunicação e Cultura Científica – Tocando o futuro: uma experiência audiovisual”.

Para alcançar esse objetivo optamos por uma abordagem qualitativa, utilizando o método do estudo de caso, no qual foram entrevistadas doze pessoas, caracterizadas como adultos/idosos. As análises dessas entrevistas foram realizadas baseadas nos conceitos de sociedade, mídia e NTIC, defendidas por autores como Martín-Barbero, Levy, Moran, Peixoto e Clavairolle, e no conceito de gerações, explicitado principalmente por Mannheim.

Os resultados encontrados demonstram que mesmo sendo municípios próximos da capital, os avanços tecnológicos ainda não alcançaram a região com a proporção esperada. Os aparatos tecnológicos que já foram aceitos e agregados ao cotidiano são o rádio e a televisão, mas mesmo assim seu uso é feito em períodos curtos de tempo pelos adultos/idosos. Ainda com pouco conhecimento sobre as tecnologias, os entrevistados temem a influência das mídias no comportamento dos seus filhos/netos e as citam, muitas vezes, como propagadoras de violência.

A internet é o fator determinante de comprovação da exclusão dessas comunidades, pois são muitos os moradores que desconhecem seu significado e suas implicações. A consequência desse processo é a relutância dos entrevistados em falar sobre o assunto e até mesmo em ter acesso à internet. Com a falta de acessibilidade a essa mídia, ela se torna cada vez mais distante da realidade dessa população.

A principal fonte de informação desses moradores é a televisão. Mesmo os entrevistados alegando entender as implicações boas e ruins que envolvem a internet, destacam em suas falas os aspectos negativos. A tradição, a falta de conhecimento associada à falta de escolaridade, a dificuldade de acesso e as debilidades físicas são os principais fatores que causam a relutância de grande parte da população estudada, em se relacionar com as TIC.



A inserção ainda que pequena das NTIC influencia na vida dos adultos/idosos, por meio dos seus filhos/netos, que têm um maior contato com esse tipo de tecnologia. Os entrevistados tentam controlar a relação das gerações mais novas com as tecnologias, mas por se tratar de algo novo e desconhecido para muitos deles, há certa dificuldade. Os filhos/netos, que esperávamos serem os auxiliares na ligação entre NTIC e adultos/idosos, colaborando para a sua inserção no cotidiano, quando tem acesso, não propagam o aprendizado e não dialogam sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

BEZ, Maria Rosângela; PASQUALOTTI, Paulo Roberto; PASSERINO, Liana Maria. **Inclusão Digital da Terceira Idade no Centro Universitário Feevale**. In: XVII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, Brasília, 2006.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: < <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 6 fev 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008

MARTÍN-BARBERO, Jesús; 2006. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAIS, Dênis (Org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MENDES, Juliana Thimoteo Nazareno. **Juventude e Geração: a relação entre presente, passado e futuro**. In: V Jornada Internacional de Políticas Públicas, Maranhão, 2011.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e o re-encantamento do mundo**. Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, v. 23, n.126, setembro-outubro 1995, p. 24-26. Disponível em: <<http://bemtv.org.br/portal/educominicar/pdf/reencantamentodomundo.pdf>>. Acesso em: 4 fev 2014.

MOTTA, Alda Britto. **A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento**. Revista Sociedade e Estado, v.25, n.2, maio/agosto. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/05.pdf>>. Acesso em: 5 fev 2014.

NETO, Honor de Almeida. **Trabalho infantil na terceira revolução industrial**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2007. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/online/trabalho infantil/trabalho infantil/trabalho.html>>. Acesso em: 4 fev 2014.

PEIXOTO, Clarice; CLAVAIROLLE, Françoiese. **Envelhecimento, políticas sociais e novas tecnologias**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

SILVEIRA, Michele Marinho et al. **Educação e Inclusão digital para idosos**. Rio Grande do Sul, v.8, n.2 julho. 2010.

SOUSA, Janeice Tirellii. **A sociedade vista pelas gerações**. Política & Sociedade, n.8, abril de 2006.



TARGINO, Maria das Graças. **Novas tecnologias de comunicação: mitos, ritos ou ditos?**. *Ciência da Informação*, v.24, n. 2, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewFile/553/502>>. Acesso em: 3 fev 2014.

WELLER, Wivian. **A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim**. *Revista Sociedade e Estado*, v.25, n.2, maio/agosto. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/04.pdf>>. Acesso em: 5 fev 2014.